



## **IV Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Novas Reflexões Sobre as Democracias do Nosso Tempo**

Pelotas, 26, 27 e 28 de setembro de 2022.

### **GT: O(s) populismo(s) na América Latina e na Europa: entre teorias e práticas**

## **As teorias latino-americanas no debate contemporâneo sobre o “populismo”: rupturas e continuidades**

**Felipe Rafael Linden**  
Doutorando (EHESS/França)

**Resumo:** O “populismo” é uma categoria central nas ciências políticas e sociais latino-americanas desde a segunda metade do século XX. As teorias tradicionais elaboradas em torno desse conceito foram as primeiras a desenvolver uma interpretação geral do peronismo como fenômenos políticos com forte apoio popular e percebidos como “anormais”. Ou seja, buscaram teorizar uma novidade que não poderia ser redutível à aplicação de modelos explicativos europeus, e por isso fizeram uso do conceito de “populismo”. O trabalho do sociólogo argentino Gino Germani é pioneiro na construção de um discurso teórico sobre o “populismo”, retomado no Brasil pelas análises de F. Weffort. Em 1977, E. Laclau faz uma revisão crítica dessa literatura (ausente na *Razão populista*) a fim de superá-la. No entanto, essa tradição intelectual, momento de grande esforço teórico, são hoje consideradas ultrapassadas e pouco analisadas. O centro dos debates *teóricos* atuais sobre o “populismo” se deslocaram para a Europa, onde foram re-formuladas para pensar experiências políticas, associadas sobretudo à ascensão da direita radical, particulares ao velho continente e ao “ocidente” em geral. Nesse paper, compartilharemos algumas pistas de como pretendemos *descolonizar* o “populismo” através da revisão crítica das contribuições dos “teóricos do populismo” latino-americanos para pensar o lugar da América latina nessa produção científica, assim como sua posteridade, e como elas podem nos informar sobre os impasses da categoria de “populismo” nos debates atuais.

**Palavras-chave:** “Populismo”, América latina, Gino Germani, Francisco Weffort, Ernesto Laclau.

### **Introdução**

Nesta apresentação, compartilharei algumas hipóteses e fragmentos da análise que estou desenvolvendo na minha tese de doutorado sobre o conceito de “populismo”. Tratarei da categoria de “populismo” através de a) uma análise histórica *crítica* de seu itinerário, formulação e importância na América latina entre os anos 1960-1970 e b) de sua circulação



polêmica nas teorias contemporâneas, cujo locus central se deslocou para o continente Europeu<sup>1</sup>.

Antes de mais nada, é indiscutível que o termo tem se desgastado devido à moda em torno do “populismo” como objeto de investigação (além dos usos e abusos do termo no discurso mediático ou político). Frequentemente mobilizado sem qualquer rigor conceitual, o termo se generalizou a tal ponto que parece *incontrolável e inutilizável* como conceito científico (PRANCHÈRE, 2020). É por isso que uso sempre o termo entre aspas. Esse constrangimento em relação ao significante “populismo” não é de hoje. De fato, ele é simultâneo à formulação das teorias clássicas na América latina, como podemos constatar através da citação de um dos protagonistas desse momento de produção intelectual: “[...] encontramos uma variedade de movimentos políticos que, por falta de um termo mais adequado, muitas vezes foram designados com o conceito múltiplo de ‘populismo’”<sup>2</sup> (Di Tella, 1977, p. 39). No entanto, se o termo já possuía um caráter generalizante naquele contexto, a confusão aumenta na medida em que ele passa a ser utilizado com maior frequência na Europa a partir dos anos 1990, até deixar de ser uma categoria para se torna uma noção *passé-partout*.

Outra razão para colocá-lo entre aspas é desnaturalizar o termo. Através dessa distância crítica, insistiremos no papel dos cientistas sociais na sua consolidação, assim como a função que o “populismo” desempenha na teorização de fenômenos políticos julgados como “desviantes”. Colocá-lo em perspectiva nos permite pensar além das rupturas entre as teorias clássicas e as mais contemporâneas. As rupturas são mais explícitas e já são evocadas pela literatura existente. Me interessa sobretudo identificar *continuidades* entre a matriz elaborada pelos sociólogos argentinos e brasileiros e o status teórico do “populismo” no debate contemporâneo; para tal, entendo que seja necessário “descolonizá-lo”.

## 1. Descolonizar o “populismo”

O objetivo dessa intervenção surge da necessidade de *descolonizar* o conceito de “populismo”. Venho usando essa expressão de forma provocativa. Para nós, latino-americanos

---

<sup>1</sup> Tratei brevemente desse deslocamento e de seus efeitos sobre o estatuto teórico do “populismo” alhures (LINDEN, 2018).

<sup>2</sup> Tradução do espanhol para o português feita pelo autor, como as demais citações diretas em outras línguas.



e pesquisadores em ciências sociais, o “populismo” nem sempre foi um *significante vazio*, como é o caso no debate europeu atual, a tal ponto que, por muito tempo, “populismo” ser praticamente sinônimo de “América Latina” para os europeus e para a ciência política ocidental. De fato, o sentido de “populismo” está – ou ao menos estava – fortemente atrelado a uma longa história ou tradição política do século XX que continua viva até hoje. Para exemplificar a associação geo-política do termo e o imaginário que ele produziu, citamos a afirmação de um dos principais nomes do debate teórico sobre o tema, Cas Mudde, responsável pelo enfoque dito “ideacional” do “populismo”: “A América Latina é a região com a tradição populista mais duradoura e predominante.” (MUDDE, KALTWASSER, 2017, p. 27). Talvez o peronismo seja o exemplo mais claro da dita tradição na medida em que ele permanece sendo a principal força política na Argentina, dividindo o espectro político do país vizinho entre peronistas e antiperonistas desde nos anos 1940 (OSTEGUY, 1997).

Mais além da relevância e da herança política dos movimentos e regimes designados como tal no continente, o “populismo”, enquanto construção teórica, pode ser pensada como uma *tradição intelectual*, nascida nas ciências sociais latino-americanas nos anos 1960. Sobretudo na Argentina e no Brasil, onde essa noção se tornou a espinha dorsal da discussão entre cientistas sociais sobre os fenômenos políticos regionais. É o que nota a historiadora argentina Diana Quattrochi-Woisson em um artigo publicado na França, um dos raros a relevar, no contexto intelectual de onde escreve, a importância dos trabalhos daqueles que qualifica como os *pères concepteurs* do “populismo”: “É na Argentina e no Brasil que o conceito deu origem aos mais amplos desenvolvimentos teóricos.” (QUATTROCHI-WOISSON, 1997, p. 165). Assim, o meu objetivo é repensar o conceito de “populismo” *a partir dessa tradição latino-americana*, tradição essa pouco considerada hoje pelo campo chamado *populism studies*. Entre os “teóricos do populismo”<sup>3</sup> tradicionais, concentro-me em alguns dos trabalhos pioneiros e mais influentes, a fim de circunscrever um corpus e destacar um momento de

---

<sup>3</sup> Segundo o termo proposto por Alberto Aggio (2003).



construção teórica coletiva no continente. Esses autores são: Gino Germani<sup>4</sup> na Argentina e Francisco Weffort<sup>5</sup> no Brasil.

Importante ressaltar a dita tradição forjou acepções “acumulativas” do “populismo” (WEYLAND, 2004) e que não há uma delimitação conceitual para o termo (VILLAS, 2021, p. 41). Por isso, a expressão “teóricos do populismo” não deve ser levada ao pé da letra. Dito isso, apesar da falta de clarificação conceitual e de seu caráter “elástico”, foram eles que desenvolveram as primeiras formulações teóricas gerais do que se convencionou chamar de “populismo”. Da mesma forma, outra ressalva é necessária: “descolonizar” o conceito de “populismo” *não significa de maneira alguma* sugerir que devemos dar razão às formulações teóricas desenvolvidas em meados do século passado para definir o “populismo”, mas entender de que maneira essa categoria se impôs e se tornou incontornável *a posteriori* para explicar determinados fenômenos históricos, como na América Latina. Mais, por que ela continua sendo necessária até hoje, como é o caso atualmente na Europa. E isso apesar da dificuldade de defini-la conceitualmente, das diferenças de sentido e dos referentes empíricos que o termo engloba entre os dois lados do Atlântico.

É necessário então entender a forma como os latino-americanos teorizaram o “populismo”, para demonstrar como ela continua presente nos debates contemporâneos. A hipótese, sem mais delongas, é que a forma como os autores discutem hoje o “populismo”, em grande parte a partir da Europa, foi prefigurada pelos trabalhos sociológicos clássicos desenvolvidos do lado de cá. Mesmo que seja de maneira inconscientemente, ou seja, sem que eles percebam, ainda mais na medida que esses trabalhos são hoje pouco analisados pela literatura especializada. Em segundo lugar, e como consequência da primeira hipótese, penso que devemos repatriar o filósofo argentino Ernesto Laclau à essa tradição, considerando-o como um intelectual latino-americano e, como tal, tributário dessa matriz, apesar dele pretender operar uma ruptura com ela. Em outras palavras, devemos também “descolonizar” Laclau. Não é possível entender plenamente a contribuição desse importante referencial teórico na Europa

---

<sup>4</sup> Há diferentes fases e definições do “populismo” na obra Germani, que teorizou o primeiro sob o termo de “movimento nacional-popular”. Em *Política y sociedad en una época de transición*, livro de 1962 e que compila (sem modificações substanciais) artigos publicados a partir de meados dos anos 1950. Por essa razão, co-existem nessa obra diferentes definições que às vezes chegam a ser contraditórias.

<sup>5</sup> Weffort não foi o primeiro a tratar do “populismo” no Brasil, mas é considerado como o mais influente nesse contexto (GOMES, 2001). Sua principal contribuição ao tema é o clássico *O populismo na política brasileira* (1978) que também é uma compilação de ensaios publicados anteriormente.



– onde publicou a versão original em inglês d’*A Razão populista* (2005) e acabou influenciando posteriormente movimentos políticos progressistas –, sem levar em conta os debates clássicos que tem origem no seu próprio país natal.

## 2. O “populismo” como categoria central nas ciências sociais latino-americanas

Não foram os latino-americanos que inventaram o termo. Podemos fazer alusão a Foucault e afirmar que a *palavra* condiciona a interpretação da *coisa*: diferentemente dos casos históricos do populismo (agora sem aspas), a experiência russa e estado-unidense do fim do século XIX, os fenômenos políticos designados como “populistas” na América Latina não se reivindicavam como tal, ou seja, trata-se de um qualificativo externo. Além do mais, o termo “populismo” já era utilizado esporadicamente pela mídia no Brasil, no entanto tinha outros sentidos (BATISTELLA, 2012), assim como o termo “nacional-popular” já fazia parte da linguagem política na Argentina (AMARAL, 2018). Nesse sentido, por que a categoria de “populismo” é introduzida nas ciências sociais latino-americanas? Podemos destacar três pistas distintas, apesar de serem complementares, para compreender as razões da entrada e consolidação do “populismo” no vocabulário das ciências sociais regionais:

i. *Científica*. Essa noção foi introduzida para apreender e explicar o que foi percebido como uma nova forma de participação política popular na região, num momento de esgotamento dos regimes oligarquias de outrora. Essa participação estendida se materializa em formas políticas ambíguas do ponto de vista das classificações europeias em voga na época. É por isso que outros conceitos e interpretações concorrentes amplamente difundidas na época – “fascismo” (de esquerda), como propôs Seymour Lipset, ou “bonapartismo” entre os marxistas – foram percebidos pelos autores em questão como insuficientes, pois não poderiam esclarecer as particularidades do que pensavam ser um fenômeno *sui generis* na América latina. No intuito de reformar a sociologia no continente, Germani queria dialetizar o universal (conhecimento científico, frequentemente elaborado no centro) e o particular (realidade concreta dos países periféricos), ou seja, a sociologia latino-americana deveria também ser produtora de teorias (adequadas à sua realidade), e não somente aplicá-las (GERMANI, 1964).

ii. *Estratégia intelectual*. Como consequência dessa intuição científica, e para legitimar uma perspectiva sociológica propriamente “latino-americana”, os autores se *apropriaram* do





conceito de “populismo”. Podemos falar de uma operação de “nacionalismo intelectual” (QUATTROCHI-WOISSON, 1997). Se apropriaram, pois o conceito – cuja origem, como já dizemos, é “ocidental” – é esvaziado dos referentes “originários” do século XIX (populismo russo e norte-americano) para explicar o surgimento e o significado dessas novas formas políticas no continente. Também o fizeram para evitar a ideia de que essas experiências seria meras variantes ou reflexos tropicais de movimentos, regimes e ideologias europeias.

iii. *Ideológica*. Apesar da pluralidade de interpretações<sup>6</sup>, ao se apropriar e fazer uso da categoria no continente, os teóricos do “populismo” clássico tinham um mesmo objetivo em comum: caracterizar o que julgavam ser uma anomalia, um desvio do modelo ocidental da democracia liberal, a meio caminho do fascismo (Germani), ou de uma forma de bonapartismo dependente (Weffort). São, portanto, intelectuais “anti-populistas”<sup>7</sup>, se quisermos usar um termo contemporâneo na literatura sobre o tema. Ou seja, “populismo” foi formulado como um instrumento conceitual contra uma variedade de movimentos com forte apoio popular, a começar pelo peronismo. Certos de que o que designaram “populismo” era uma fase do desenvolvimento latino-americano tardio, buscaram explicá-lo de maneira à ressaltar seus limites e contradições e entender porque gozaram de tamanho apoio das classes populares apesar dessas contradições.

Uma vez mencionadas as pistas para explicar as razões do uso do conceito de “populismo” na América latina, destacaremos *en passant* dois aspectos das teorias sociológicas de Gino Germani e Francisco Weffort.

i) Os modelos explicativos orientam as discussões clássicas do “populismo” são a) funcionalistas e estruturalistas, ligadas a teoria da “modernização”, no caso de Gino Germani; e b) “neo-marxista”, com acentos gramscianos, e associadas a teoria da “dependência”, no caso de Weffort. Não há tempo para entrar nos detalhes desses aparelhos conceituais, mas obviamente, uma parte dele *é de fato* ultrapassado; portanto, não faria sentido querer sugerir um retorno às formulações desses autores para se propor uma teoria do “populismo” pertinente, sobretudo se queremos falar do “populismo” fora do continente latino-americano. Como foi dito antes, não é esse o propósito do meu trabalho.

---

<sup>6</sup> Além de Germani e Weffort, poderíamos mencionar também Torcuato Di Tella, Octavio Ianni, entre outros, como “teóricos do populismo”.

<sup>7</sup> Eis uma das razões pelas quais nos anos 1990, autores como A. de Castro Gomes (2001), defenderam o abandono da categoria.



iii) Uma questão central naquele momento, que me interessa ressaltar, era o esforço teórico para pensar a participação popular na cena política desses países que resultaram no chamado “populismo”. Apesar de usarem essa categoria com o intuito de combater o que percebiam como formas políticas negativas a serem ultrapassadas, não deixaram de levar em consideração o *significado* delas para aqueles que participaram e foram mobilizados por elas, e que não seria redutível ao *topos* da “falsa consciência”.

Podemos dividir analiticamente dois eixos dessas teorizações, que seriam ambíguos ou mesmo contraditórios, me inspirando no trabalho do historiador argentino Samuel Amaral (2018)

a) a explicação das *origens* do “populismo”, em termos de autoritarismo e manipulação de líderes demagógicos (ou o que chamo de populismo no “poder”).

b) e o *significado* do “populismo” para as classes populares (ou o que chamo de “populismo” do povo). Segundo Germani (1962), foi uma “experiência de liberdade” (GERMANI, 1962), em parte fictícia mas também real, na medida em que puderam exprimir suas reivindicações e obter ganhos concretos (no caso brasileiro, por exemplo, vale lembrar a legislação do trabalho e outros direitos implementados por Vargas). Como Germani também observou em relação ao peronismo (para diferencia-lo do “fascismo” e do “totalitarismo”), os líderes populistas tiveram que oferecer algum grau de satisfação às demandas concretas das massas, ou seja, não foi apenas manipulação: (WEFFORT, 1978).

Apesar da correlação entre os dois eixos na explicação proposta pelas teorias clássicas, se retomarmos o segundo de maneira crítica mas privilegiada, penso que podemos identificar ali uma *razão populista embrionária*.

### **3. O *background* latino-americano nos debates europeus sobre o “populismo”**

Na Europa, o debate em torno do “populismo” só começou a ganhar importância a partir da década de 1990. Em outra palavra, é recente comparado à tradição teórica latino-americana. Devido a certos acontecimentos políticos no Ocidente (a ascensão de formações políticas antes marginais, mas também o Brexit, a “democracia iliberal” na Hungria, eleição de Trump nos Estados-Unidos...), houve uma inflação na produção científica na década de 2010, ou o que foi chamado de *populist hype* (GLYNOS, MONDON, 2016). Desde então, “populismo” tem sido



usado para pensar experiências políticas associadas sobretudo à direita radical no velho continente, que nada têm a ver com as experiências históricas latino-americanas, ou o que é comumente chamado de “populismo” clássico.

No entanto, nosso intento é de demonstrar que a teorização do “populismo” de ontem, formulada na América Latina, prefigura o de hoje, na Europa. Mais uma vez, a mesma palavra subjuga a coisa, apesar dos referentes serem outros e da palavra adquirir novos sentidos nesse novo cambio geográfico. Houve uma reapropriação da categoria novamente: ela volta para o vocabulário “ocidental” agora para dar conta da realidade política europeia. Cabe destacar que, de maneira análoga ao que ocorreu na América Latina, recorre-se ao “populismo” para designar e subsumir “novas” manifestações políticas (também em aspas, pois a suposta novidade é relativa), julgadas “desviantes”, para as quais as categorias disponíveis são percebidas como inadequadas ou inatuais. Por exemplo, ao invés vez de usar o conceito de (proto ou neo) fascismo, ou até nacionalismo (de direita)<sup>8</sup>, falamos de “nacional-populismo”<sup>9</sup>, “direita populista” ou “populismo de direita”. Já no plano normativo, na Europa ele também serviu como instrumento teórico para estigmatizar as experiências assim designadas (RANCIÈRE, 2013), apesar da falta de definição precisa, percebidas como uma anomalia derivada das crises da democracia liberal de nosso tempo. Enquanto tal, deveriam ser tratadas – tal como uma patologia – e seus derivantes combatidos. Ao mesmo tempo, a tradição teórica desenvolvida neste lado de cá do Atlântico desapareceu progressivamente nas circunstâncias do debate atual, situação essa que podemos descrever como *eurocêntrica* (para utilizar outro termo de GLYNOS, MONDON, 2016). Hoje, na melhor das hipóteses, os trabalhos latino-americanos clássicos são citados em uma nota de rodapé, sem maior aprofundamento, apenas por curiosidade histórica ou para serem descartados como obsoletos.

No entanto, o curioso é que a função e conseqüentemente o uso feito da categoria de “populismo” hoje é análoga ao gesto original dos sociólogos latino-americanos. A diferença é que se perdeu a intenção de formular uma teoria geral, assim como certas nuances – ainda que

---

<sup>8</sup> Para uma tentativa de dissociação entre os dois, ver Benjamin De Cleen and Yannis Stavrakakis, “Distinctions and Articulations: A Discourse Theoretical Framework for the Study of Populism and Nationalism”, *Javnost, The Public*, n. 24 (4), 2017, pp. 301-19.

<sup>9</sup> O politista francês Pierre André-Taguieff, pioneiro no uso da categoria “nacional-populismo” para caracterizar a Frente Nacional nos anos 1980, reconhece a paternidade científica de Gino Germani sobre o termo (TAGUIEFF, 2002).





sejam ambíguas – presentes na produção latino-americana. O “populismo” ou é sinônimo de demagogia na qual o povo ressentido cai facilmente – encontramos essa representação de maneira recorrente na ciência política –, ou é pensado como uma lógica que se confunde com a essência da democracia, como no caso de Laclau. Tal polarização presente nos *populism studies* foi chamado com certa ironia de “populologia” (TARRAGONI, 2021).

O próprio Ernesto Laclau contribuiu para o esquecimento dessa tradição, apesar de sua reflexão sobre o “populismo” dever – mais do que parecia querer reconhecer – às teorizações tradicionais. Se ele chega a revisar os estudos de Germani, Di Tella, Weffort e Ianni em seu primeiro esboço teórico do populismo (1977), momento em que já estava instalado an Inglaterra, não há mais nenhuma menção a esses trabalhos no livro onde desenvolve sua teorização mais completa (2005). Salvo uma exceção, quando cita Germani na primeira parte da obra, unicamente como um dos exemplos negativos de conceptualização do “populismo”. De fato, a novidade da intervenção de Laclau é a reversão do estigma em torno do que chamamos de “populismo”, como sabemos; no entanto, ele não nega nem a categoria (cujá matriz *teórica*, como defendemos, é latino-americana), nem a maior parte das características a ela atribuída por seus antecessores estruturo-funcionalistas e marxistas gramscianianos. Na verdade, o que ele faz é *positiva-las* por meio de outras ferramentas pós-estruturalistas e pós-marxistas. Além disso, ele radicaliza o que identifico como o segundo eixo desses estudos clássicos, ou o que chamo de “populismo” do povo. No entanto, por motivos que não cabem nesta apresentação – mas que já tinha já tinha desenvolvido em outra apresentação em Pelotas em 2019, centrado na crítica do conceito de significante vazio (LINDEN, 2019) – seu gesto me parece ser insuficiente, apesar da importância de sua contribuição teórica ao debate sobre o “populismo”.

De qualquer forma, é preciso recontextualizar Laclau, que desenvolveu uma nova teorização da política na Europa a partir da sua observação do “populismo” latino-americano, mas também de sua participação no movimento peronista, tipo-ideal do “populismo” já nos estudos tradicionais de Germani. Este último, no sentido inverso de seu sucessor, veio da Itália e desenvolveu na Argentina uma nova sociologia para interpretar fenômenos políticos que resultou em um novo discurso teórico em torno do “populismo” como categoria analítica.



### À guisa de conclusão

Eis a situação que descrevo: o conteúdo das teorias clássicas não é considerado relevante hoje, ora porque são considerados ultrapassados, ora porque foram ofuscados pelo debate europeu, mas foram os sociólogos argentinos e brasileiros nos anos 1960 e 1970 que prefiguraram a forma contemporânea como o conceito de “populismo” é usado hoje.

“Nada surge do nada”, diz a máxima latina que aparece também no paper de um dos nosso colegas do grupo de trabalho, mas que parece adequada também para ilustrar o meu argumento. Se hoje parece evidente se referir ao “populismo” na América Latina, é porque os cientistas sociais que formularam essa categoria obtiveram êxito em seu empreendimento intelectual. Expliquei rapidamente as razões pelas quais o termo “populismo” se consolidou nas ciências sociais latino-americanas e defendo que a maneira em que ele foi formulado naquele contexto continua presente nos debates atuais. Em outras palavras, pretendo explicitar o *background* latino-americano no debate sobre o “populismo” hoje – em particular na Europa –, ao invés de pensar esse “vai-e-vem” unicamente em termos de rupturas. No sentido inverso, é possível constatar o retorno desses debates *reformulados* nessas últimas décadas no outro lado do Atlântico, e que eles modificam também a como pensamos o(s) “populismo(s)” atualmente na América Latina.

Ou seja, no lugar de representar a evolução conceitual em dois blocos monolíticos (as teorizações tradicionais na América Latina e as contemporâneas na Europa, ou antes e depois de Laclau), temos que pensar essas continuidades. Se deixarmos escapar essa história, não percebemos que dificilmente estaríamos usando essa mesma categoria específica para designar fenômenos contemporâneos, mesmo que seja em outros contextos geográficos, temporais e disciplinares, e continuaremos presos aos impasses metodológicos, epistemológicos e afins em torno de sua definição, pois não o colocamos o conceito em perspectiva histórica. Enfim, penso que revisar criticamente esse momento de teorização latino-americana – como estou fazendo na tese, e que será o objeto de uma publicação futura – pode nos ajudar a repensar o “populismo”.



## Referências

- AGGIO, Alberto. “A emergência de massas na política latino-americana e a teoria do populismo”. AGGIO, A. & LAHUERTA, M. (orgs.). Pensar o século XX – problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo, Editora UNESP, 2003.
- AMARAL, Samuel. El movimiento nacional-popular: Gino Germani y el peronismo. Sáenz Peña, Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2018.
- BATISTELLA, Alessandro. “Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”, Revista Latino-Americana de História, vol. 1, n. 3, março 2012.
- DE CLEEN, Benjamin, STRAVAKAKIS, Yannis, “Distinctions and Articulations: A Discourse Theoretical Framework for the Study of Populism and Nationalism”, Javnost, The Public, n. 24 (4), 2017, pp. 301-19.
- DI TELLA, Torcuato, “Populismo y reformismo”, In: Octavio Ianni (comp.). Populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica. México, Era, 1977.
- GERMANI, Gino. La sociología en la América latina: problemas y perspectivas. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1964.
- GERMANI, Gino. Política y sociedad en una época de transición, Buenos-Aires, Paidós, 1962.
- GOMES, Angela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GLYNOS, Jason, MONDON, Aurelien, “The political logic of populist hype: The case of right-wing populism’s ‘meteoric rise’ and its relation to the status quo”, POPULISMUS Working Papers, No. 4, December 2016.
- LACLAU, Ernesto. On Populist Reason, London, New York, Verso, 2007.
- \_\_\_\_\_, “Towards a theory of populism”, In: Politics and ideology in marxist theory. New York, New Left Books, 1977.
- LINDEN, Felipe, El “pueblo” como un significante vacío: análisis del enfoque posestructuralista de la política populista, deSignis, vol. 31, pp. 57-67, 2019.
- LINDEN, Felipe Rafael. “A trajetória de uma noção polêmica: análise crítica do populismo na teoria política de Ernesto Laclau”, Revista Estudos Políticos, vol. 9, n.1, pp. 20-31, julho 2018.



MUDDE, Cas, KALWASSER, Cristobal. Populism: a very short introduction. Oxford, Oxford University Press, 2017.

vOSTIGUY, Pierre. “Peronismo y antiperonismo : bases socioculturales de la identidad política en la Argentina”, Revista de ciencias sociales, n. 6, 1997, pp. 133-215.

Revista de ciencias sociales, (6), 133-215.

QUATTROCHI-WOISSON, Diana. “Les populismes latino-américains à l’épreuve des modèles d’interpretation européens”. Vingtième Sicle, Revue d’histoire, n. 56, out-dez 1997, pp. 161-183.

TAGUIEFF, Pierre-André. L’illusion populiste. Paris, Fayard, 2002.

TARRAGONI, Federico. L’Esprit démocratique du populisme. Paris, La Découverte, 2019.

VILLAS, Guadalupe Salmorán. Populismo: história geografica de un concepto. Ciudad de Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 2021.

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

WEYLAND, Kurt. “Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics.” Comparative Politics, vol. 34, no. 1, 2001, pp. 1–22.

PRANCHÈRE, Jean-Yves. “Quel concept de populisme ?”, Revue européenne des sciences sociales, n. 58-2 | 2020, pp. 19-37.